

**AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA: O DESEJO DE ESCREVER NA
PASSAGEM DO DESENHO À LETRA**

**ACQUISITION OF WRITTEN LANGUAGE: THE WISH TO WRITE IN THE
PASSAGE FROM DRAWING TO LETTER**

**ADQUISICIÓN DE LENGUA ESCRITA: EL DESEO DE ESCRIBIR EN EL PASAJE
DESDE EL DIBUJO A LA LETRA**

CARVALHO, Magda Wacemberg Pereira Lima
magdapcarvalho@hotmail.com
SEDUC/PE – Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco
<https://orcid.org/0000-0003-4799-9328>

RESUMO: Neste artigo, colocamos em discussão a travessia da criança pela aquisição da linguagem escrita, apresentando o movimento que a criança faz pela escrita até o surgimento da letra gráfica. A partir da noção psicanalítica de recalque, formulamos a questão: o que a criança escreve no início de sua travessia pela aquisição da linguagem escrita e o que a motiva a escrever? Nesse enfoque, apresentamos produções escritas por crianças entre três e quatro anos de idade, que cursavam o primeiro e o segundo ano da Educação Infantil. A partir de tal abordagem, observamos que a criança inicia com traçados de linhas e, aos poucos, quando o valor da imagem é recalcado, as primeiras letras gráficas começam a emergir nas produções escritas. Quanto ao que motiva a criança a escrever, entendemos que seu encorajamento se dá pelo desejo de escrever.

Palavras-chave: Aquisição da Escrita. Criança. Recalque. Desejo.

ABSTRACT: In this article, we discuss the child's journey through the acquisition of written language, showing the movement that the child makes through writing until the appearance of the graphic letter. From the psychoanalytic notion of repression, we ask the question: what does the child write at the beginning of his journey through the acquisition of written language and what motivates him to write? In this approach, we present productions written by children between three and four years of age, who attended the first and second years of Early Childhood Education. From such an approach, we observe that the child starts with line traces and gradually, when the image value is repressed, the first graphic letters begin to emerge in the written productions. As for what motivates the child to write, we understand that their encouragement is due to the desire to write.

Keywords: Acquisition of Writing. Child. Repression. Desire.

RESUMEN: En este artículo, discutimos el viaje del niño a través de la adquisición del lenguaje escrito, presentando el movimiento que hace el niño a través de la escritura hasta la aparición de la letra gráfica. Desde la noción psicoanalítica de la represión,

hacemos la pregunta: ¿Qué escribe el niño al comienzo de su viaje a través de la adquisición del lenguaje escrito y qué lo motiva a escribir? En este enfoque, presentamos producciones escritas por niños entre tres y cuatro años de edad, que asistieron al primer y segundo año de Educación Infantil. Desde este enfoque, observamos que el niño comienza con trazos de línea y gradualmente, cuando se reprime el valor de la imagen, las primeras letras gráficas comienzan a surgir en las producciones escritas. En cuanto a lo que motiva al niño a escribir, entendemos que su aliento se debe al deseo de escribir.

Palabras clave: Adquisición de Escritura. Niño. Represión. Deseo.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste numa tentativa de colocar em discussão a travessia da criança pela aquisição da linguagem escrita. Fazendo coro com autores, como Borges (2006; 2008; 2011), Bosco (2005; 2009) e Pommier (1993; 2002; 2008; 2011), assumimos a aquisição da escrita como resultado do efeito de recalque. Reconhecemos, portanto, que se faz necessário destacar que o sentido do termo *recalque*, neste trabalho, é o atribuído pela psicanálise, campo teórico que compreende o recalque como uma defesa cuja essência consiste em impedir que certas representações psíquicas inconscientes se tornem conscientes e apareçam nas manifestações de linguagem, fala ou escrita, à revelia do sujeito.

Feita essa observação e com o propósito de viabilizar nossa discussão acerca da aquisição da escrita pela criança, focaremos a noção de recalque como possibilidade teórica. Diante disso, a questão que colocamos é: o que a criança escreve no início de sua travessia pela aquisição da linguagem escrita e o que a motiva a escrever?

A partir desse questionamento, acreditamos na necessidade de seguir o caminho aberto pelo estudioso francês Gérard Pommier, para assumirmos que a escrita propriamente dita só aparece quando o valor icônico é recalcado e a letra começa a significar.

Nesse entendimento, trazemos como ponto de inquestionável relevância a compreensão de autores do campo da aquisição de linguagem, que revelam sua filiação aos constructos psicanalíticos, mantendo, desse modo, a coerência de nossa proposta de discussão.



2 SOBRE A PRODUÇÃO ESCRITA INICIAL DA CRIANÇA

Acreditamos que, devido à naturalidade de nossa relação com a escrita, depois de alfabetizados, indagações como a nossa sobre o que a criança escreve no início de sua travessia pela aquisição de linguagem parecem irrelevantes e, por isso, deixam de ser abordadas. No entanto, tendo em conta que a travessia da criança pela escrita é iniciada por rabiscos, em que as letras do alfabeto, conforme afirma Bosco, “[...] aos poucos, vão emergindo em sua escrita” (BOSCO, 2005, p. 42), demo-nos conta da importância de buscar respostas a essa questão.

Isso posto, entendemos que um dos caminhos para possíveis respostas é o trilhado por autores que apresentam discussões fundamentadas na psicanálise. Nesse sentido, partimos do que Pommier (1993; 2002; 2008; 2011) discute sobre a história da escrita e sua aquisição.

Para o autor (1993), a descoberta histórica da escrita e sua aprendizagem individual seguem, ao que tudo indica, um caminho semelhante. Isso porque a história da escrita aponta que seu progresso teria ocorrido em etapas e a alfabetização teria prevalecido sobre a pictografia e o silabismo. A aprendizagem da escrita, por sua vez, ocorreria de modo análogo ao de sua evolução, pois na travessia pela linguagem escrita, a criança “começa traçando hieróglifos [...], antes de dar o passo que vai levá-la de uma escrita pictográfica a uma escrita alfabética” (POMMIER, 2011, p. 18).

Pommier (1993) lembra que os egípcios, por exemplo, atribuíam a determinado desenho ou ideograma de um objeto um valor fonético da letra ou sílaba inicial da palavra, que nomeava o objeto representado, conseguindo, desse modo, isolar algumas de suas consoantes. Esse modelo acrofônico, segundo o autor, é o mesmo usado no ensino escolar às crianças no início da alfabetização, em que o professor, ao ensinar as letras do alfabeto, costuma associá-las a imagens que tenham relação de acrofonía com elas. Contudo, é preciso salientar que esse esforço pedagógico, embora utilize um modelo de instrução similar ao da invenção do alfabeto, não pode ser comparado a técnicas que facilitam a aprendizagem, pois, conforme Pommier (1993), a escrita depende de um aprendizado e não de uma técnica.

Se pensarmos sobre o que a criança escreve no início de sua travessia pela aquisição da linguagem escrita e acompanharmos essa travessia pela escrita desde o início de sua aquisição, observaremos que o momento que antecede o aparecimento da letra propriamente dita é marcado por traços e rabiscos irregulares. Vejamos a produção de M., criança de três anos, matriculada no primeiro ano da Educação Infantil:

Figura 1 – Escrita composta por traçados



Fonte: Dados coletados pela autora, 2019¹

Observamos, nessa produção, o traçado de linhas em zigue-zague, que mantém certa linearidade, o que nos remete aos textos escritos aos quais a criança tem acesso, seja em ambiente doméstico, com a presença de livros paradidáticos, ou em ambiente escolar, em que a oferta de textos é bastante variada. A partir desse contato com textos diversos, além das diferentes situações de escrita em que a criança é inserida, o traçado inicial, aos poucos, vai ganhando formas, isto é, a criança

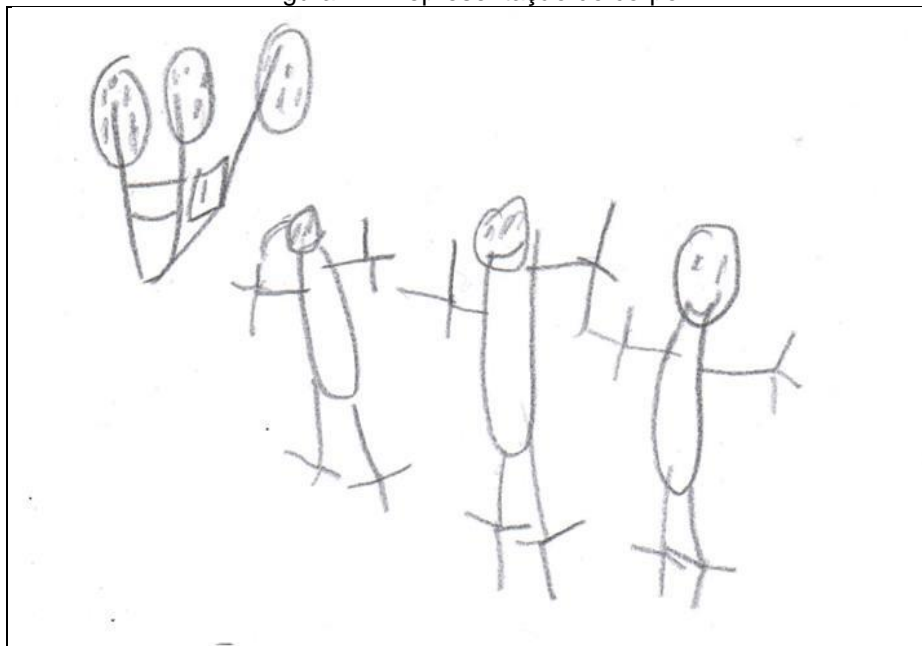
¹ As produções escritas que apresentamos neste trabalho são de crianças entre três e quatro anos de idade, matriculadas no primeiro e segundo anos da Educação Infantil. Os textos foram coletados pela autora, no ano de 2019, mediante autorização prévia dos pais/responsáveis pelas crianças e, também, pelas professoras das turmas da Educação Infantil de uma Escola da rede particular de ensino, em Pernambuco.



inicia traçando rabiscos e vai, gradualmente, começando a desenhar. É nesse ponto que nos vemos diante de mais uma indagação: o que a criança desenha no início de sua travessia pela escrita?

Pommier (2002) diz que a criança desenha corpos. Ela desenha seu corpo psíquico, pulsional, isto é, a criança desenha o corpo articulado na e pela linguagem. Notemos:

Figura 2 – Representação do corpo



Fonte: Dado coletado pela autora, 2019

Ao observarmos essa produção feita por C., criança de quatro anos, que cursava o segundo ano da Educação Infantil, se retomarmos o conceito psicanalítico de corpo pulsional, isto é, o que se diferencia do corpo-biológico e que é tido como “superfície de pontos sensíveis, lugar de gozo e de recalque” (LE MOS, 2002, p. 40), compreenderemos que o que a criança desenha no início de sua travessia pela escrita, embora se assemelhe ao corpo biológico que ela vê refletida no outro, é a imagem inconsciente do corpo. Em outras palavras, o que a criança desenha é, conforme Dolto (2012), o esquema corporal, ou melhor, o que “especifica o indivíduo enquanto representante da espécie” (DOLTO, 2012, p. 14). Por isso, ao examinar desenhos de crianças de uma mesma faixa etária, há entre eles grandes

semelhanças, pois se trata de representações desse corpo psíquico, de acordo com Pommier (2008).

O desenho que a criança faz do corpo é apresentado com grandes bocas, com olhos, sem orelhas não porque ela tenha alguma dificuldade, mas porque desenha pulsionalmente. A título de ilustração, observemos a produção de A., criança de quatro anos, que frequentava o segundo ano da Educação Infantil:

Figura 3 – Representação do corpo pulsional



Fonte: Dados coletados pela autora, 2019

Convém esclarecer, com fundamento em Dolto (2012), que há uma diferença entre esquema corporal e imagem do corpo. Conforme a autora, o primeiro é, em princípio, o mesmo para todos os indivíduos da espécie humana, o que faz dele “*em parte, inconsciente, mas também preconsciente e consciente*” (DOLTO, 2012, p. 14, grifos da autora), já a imagem do corpo “*é peculiar a cada um: está ligada ao sujeito e à sua história*” (DOLTO, 2012, p. 14, grifos da autora), por isso é eminentemente inconsciente.

Dolto assinala que a imagem do corpo “*pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante*” (DOLTO, 2012, p. 14-15, grifos da autora). Desse modo, podemos pensar que, no percurso inicial da travessia pela linguagem escrita, a criança vai representar a imagem inconsciente de seu corpo pelo desenho e desenhando vai inventar a história desse corpo, fazendo com que, por

meio da atividade imaginativa, suas produções se tornem “verdadeiros fantasmas representados, de onde são decodificáveis as estruturas do inconsciente [...], pelos dizeres da criança” (DOLTO, 2012, p. 2).

Ao entendermos o momento inicial da escrita como sendo aquele em que a criança desenha e inventa histórias sobre essa escrita, lembramo-nos do que Freud colocou em *Escritores criativos e devaneios* (1969) sobre o escritor criativo fazer o mesmo que a criança que brinca. Com apoio na reflexão de Freud, podemos pensar que a criança, ao criar uma história sobre o que escreveu, comporta-se como um escritor criativo, pois ela cria um mundo de fantasia e leva esse mundo muito a sério, investindo, assim como o escritor criativo, “[...] uma grande quantidade de emoção” (FREUD, 1969, p. 150). Vejamos o desenho e a narração de B., criança de quatro anos, que cursava o segundo ano da Educação Infantil:

Figura 4 – Desenho de um acontecimento



Fonte: Dados coletados pela autora, 2019

B.: Ha ha ha eu paleço um palhaço esculo de tlês olhos. Eu tenho medo de palhaço.

P.: Por quê?

B.: Pusque o filme de terror do vale naite. Mas só que ela uma que meu pai tancou a posta e nós tinha medo. Pusque meu pai é bem maluco. Ele tancou a gente no filme de terror e ela do boneco assassino. Eu tava glitando, eu disse que ia quebá a televisão pusque papai colocou um toço que não é pá cliança. E papai olha. Olha o que ele butou. Olha (aponta para o desenho), esse cê dê aqui que tem esse nome aqui *buneco assassino*. Aí eu botei ôto cê dê. Isso aqui foi do ontem passado esse filme de terrô que meu pai botô.

Observamos na narração feita pela criança, o que Freud (1969) diz sobre o fato de uma experiência do presente, nesse caso a oportunidade de escrever e falar sobre sua produção, desperta no escritor criativo uma lembrança de uma experiência anterior², “[...] da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa” (FREUD, 1969, 156). Podemos com isso pensar, seguindo Pommier (2011), que a necessidade de a criança representar por meio dos desenhos e das histórias que conta deles é consequência do recalque, uma vez que o que é recalcado no inconsciente pode irromper na fala ou na escrita do sujeito.

Diante disso, os desenhos podem ser entendidos como “[...] suporte de histórias que a criança conta de si mesma, até o momento em que a narração comporta um elemento impossível de representar pelo desenho” (POMMIER, 2011, p. 18). É em consequência dessa impossibilidade de representação que o aparecimento das primeiras letras será convocado.

Em vista disso, cumpre relevar que o autor considera que “[...] a escrita busca recuperar por um meio visual o que terá sido perdido pelo viés da pulsão vocal³” (POMMIER, 2008, p. 19), pois em seu entendimento, a fala recalca a escrita do inconsciente (alucinações, imagens superpostas etc.), que retorna nos sonhos. Desse modo, a folha de papel em branco, ou algo similar, oferece à criança a possibilidade de registrar ali, de acordo Pommier (1993), suas obsessões secretas. Isso em razão de que quando a criança traça um rabisco, conforme Pommier (2011), ela se representa e representa seus sonhos, isto é, os desenhos da criança são feitos de acordo com as dimensões do sonho que ela projeta.

Desse modo, a evolução das representações feitas pela criança segue, então, “[...] o mesmo trajeto de seus sonhos, cuja lembrança desaparece sempre mais ou menos no recalque” (POMMIER, 2011, p. 20), pois os sonhos, por encenarem um desejo que ocultamos, são praticamente esquecidos devido à censura. Por esse

² Atentando para a narração feita pela criança, observamos que essa merece uma discussão mais aprofundada. No entanto, como nosso objetivo neste trabalho não é psicanalisar, mas observar que o desenho da criança comporta uma história que ela conta, não nos deteremos sobre a análise da “leitura” que ela faz de sua produção escrita.

³ Lacan (2007) diz que as pulsões são, no corpo, o eco de que há um dizer. No caso da voz, por ser um objeto situado no exterior do sujeito e, ao mesmo tempo, que tem ligação com o interior do corpo “é a mais próxima da experiência do inconsciente” (LACAN, 2008, p. 105), já que ela (voz) vem oculta na fala como desejo.

motivo, Borges (2006, p. 158, grifos do autor) afirma que “o que aparece na escrita pode ter relação com ‘efeitos de cortes promovidos pelo desejo’”.

Nessa perspectiva, os primeiros desenhos podem ser entendidos como fantasmas presos ao recalçamento até o ponto em que o retorno do recalçado será escrito na letra, ou seja, se os primeiros desenhos tiverem o mesmo valor que os sonhos, conforme Pommier (2011), eles estarão presos a um recalçamento cujo resto será escrito.

3 APARECIMENTO DA LETRA GRÁFICA COMO EFEITO DO RECALQUE

Tendo contemplado a discussão acerca da aquisição da escrita em suas configurações mais marcantes, a partir da noção de recalçamento, partimos então, para uma atenção especial em relação à emergência da letra propriamente dita. Pommier (1993) discute a história da escrita e sua aquisição pela criança como resultado do apagamento do valor de seu representante icônico e revela que se uma criança não pode escrever antes de certa idade não é por incapacidade técnica, mas porque sua relação com a representação pictórica, seu valor psíquico, a impediu de fazê-lo.

Para o autor (2002), em face da necessidade de representar, a criança vai desenhar até o momento em que encontra algo para desenhar que não se pode desenhar, que é o seu próprio nome. E é aqui, ou seja, na dificuldade de representar o nome e na necessidade de escrever, que Pommier (2002) afirma existir algo que envolve a invenção da escrita alfabética e sua aquisição.

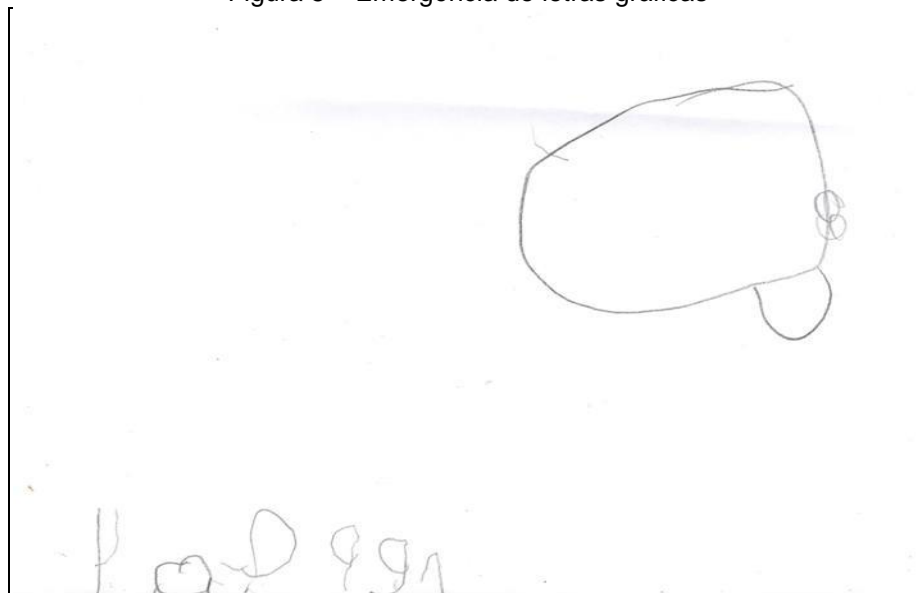
Convém acrescentar que os desenhos feitos pela criança, de acordo com Pommier (2008), não são estáticos e as histórias que ela inventa são idealizações. Nesse sentido, o autor afirma que os desenhos “estão na origem de uma mitologia singular para cada um, ainda que ela possua características generalizáveis” (POMMIER, 2008, p. 17).

Assim, “[...] entre um desenho (que comporta uma legenda implícita) e uma escrita, que daria conta integralmente dessa legenda, existe uma progressão cronológica, mas a relação lógica entre esses dois momentos não aparece com

evidência” (POMMIER, 2011, p. 18), sendo preciso mostrar como se articula a conjunção e a disjunção entre escrever e desenhar. Nessa compreensão, o autor (2011) segue afirmando que desenho e letra não são duas ordens de grafia separadas, em virtude de que a segunda (letra) se desarticula da primeira (desenho) e só passa a significar depois que perde seu valor icônico.

Segundo o autor (2008), tudo o que existe pode ser representado, mas o nome próprio não, o que nos leva a notar, seguindo Bosco (2009), que as letras do nome são as primeiras que surgem na escrita inicial infantil. Notemos:

Figura 5 – Emergência de letras gráficas



Fonte: Dados coletados pela autora, 2019

Nessa produção, escrita por P., uma criança de quatro anos, que cursava o segundo ano da Educação Infantil, é possível observar que o desenho de um círculo desliza para traçados que lembram algumas das letras gráficas que compõem seu nome (P, A, P, E, E, I), o que dá certa visibilidade ao movimento do sujeito na linguagem escrita. É, então, a partir da escrita de letras que figuram como nome próprio, que a criança se reconhecerá como sujeito que porta um nome, quer dizer, as letras do nome fixadas no espaço como assinatura é, conforme Pommier, o que “[...] encaminha as representações de coisas para a literalidade” (POMMIER, 2008, p. 19).

Considerando a emergência dessas letras, concordamos com Pommier (2011), quando afirma que, no decorrer da passagem da representação pictórica para a escrita, a criança levanta uma hipótese silábica, em que uma única letra terá o valor de uma sílaba, o que, para esse autor, se apresenta como algo que não pode ter sido formulado de modo consciente pela criança, mesmo que se considere o processo pedagógico de ensino. Diante disso, entendemos que

[...] o caminho em direção ao alfabetismo leva em conta não só o apagamento da imagem - primeiro, em prol da sílaba; depois, da literalidade -, mas também mostra que o som não deve ser tomado como o equivalente do signo escrito (POMMIER, 2011, p. 19).

Dado que, “[...] uma identidade de som não garante uma identidade de letras, não só porque diferentes letras podem ter uma vizinhança sonora (por exemplo: o v e o f), mas, sobretudo, porque toda língua [...] está exposta a certa homofonia” (POMMIER, 2011, p. 19), reconhecemos que o envolvimento em situações de leitura e escrita de textos viabiliza a emergência de representações na escrita da criança sobre o que é possível na língua constituída. Assim, “[...] é preciso que a criança represente a língua escrita ainda que pela (re) constituição de um simulacro que lhe confere estabilidade, ainda que imaginária” (MOTA, 1995, p. 102).

Nessa perspectiva, o desenho recalcado se transforma em valor fonético e, em consequência, esse também é recalcado, pois se o desenho é recalcado em prol do valor sonoro, para se chegar ao sentido é preciso que o som também seja recalcado.

Pommier (2011) aborda o nascimento da escrita alfabética e a aquisição da escrita pela criança como tendo uma relação de semelhança entre a gênese da escrita (na história) e sua aquisição e, desse modo, reitera que a possibilidade de apagamento do valor pictórico é comandada pelo recalçamento. Dito de outra maneira, quando o valor icônico se perde, a letra ganha a possibilidade de significar, sendo que a passagem da imagem à letra é, de acordo com o autor, comandada pelo apagamento da figura. Logo, para que a escrita alfabética apareça nas produções escritas infantis é preciso que o desenho seja recalcado pelo valor fônico. Cabe dizer que o recalque é necessário para que o valor da letra seja apreendido, o que só é possível pelo apagamento da imagem.

Sobre essa questão, Pommier observa que, para a psicanálise, o que é recalçado tem relação com o gozo do corpo, em razão de que nosso corpo foi o primeiro objeto de desejo materno, ou melhor, “é a significação da imagem de nosso corpo que foi a ocasião de um primeiro recalçamento porque seu gozo não foi em princípio o nosso” (POMMIER, 2011, p. 26-27), isto é, o reconhecimento desse corpo como objeto de desejo.

A respeito desse ponto – o do corpo, o autor entende que o esboço de uma representação do corpo (psíquico) “coloca em cena uma presença que nunca existiu a não ser pelo desejo” (POMMIER, 2011, p. 27). Considerando que todo e qualquer grafismo não visa comunicar uma mensagem, mas, a seu entender, expressar a esperança de que o corpo exista, compreendemos que todo e qualquer grafismo traz a marca do retorno do recalçado.

Com base nisso, entendemos que quando a criança, em aquisição da escrita, é solicitada a escrever a palavra *bola* e desenha algo semelhante a uma esfera, é porque ela está muito ligada ao referente. Nesse caso, o que deve ser apagado não é somente a representação icônica, mas a relação dessa grafia com o referente de mundo adotado. Isso porque a criança, no início de sua travessia pela linguagem escrita, está presa ao referente e, segundo Le Gaufey (2018), a dissolução do laço que remete o signo à coisa que ele está encarregado de representar “é a condição do surgimento de *um significante como tal*” (LE GAUFEY, 2018, p. 214, grifos do autor).

Nesse sentido, Pommier postula que, para aceitarmos a hipótese de uma invenção da escrita comum a história da humanidade e a de cada membro, devemos ser capazes de identificar uma origem da letra, relevante em todas as ocorrências em que a transmissão de uma mensagem está em causa, sendo necessário, para isso, identificarmos o que pode ser comum entre o sonho, o desenho, o pictograma e a letra do alfabeto. Para o autor, isso é possível se levarmos em conta a instância da letra no inconsciente para, desse modo, situarmos a primeira formalização da escrita, comum a todos, o que faz da letra da escrita “[...] uma formação do inconsciente de pleno direito” (POMMIER, 2011, p. 54).

Dessa forma, o desenhar das letras equivaleria, de acordo com Borges (2011), ao momento mais alucinatório do sonho, aquele em que o desejo se realiza graças ao

poder de uma imagem. Em virtude disso, a caligrafia, no campo da psicanálise, é entendida “como lugar de puro gozo da letra” (BORGES, 2011, p. 79), em que gozar de traçar concerniria ao puro ato de riscar, pois desde que se considere

[...] a face figurativa, material, da letra que dá consistência à escrita, é preciso reconhecer o escrever como um fazer com o corpo. Visão, audição, ritmo, modulação da prosódia, te(n)são que se exige da mão, dos punhos, espátulas, ou seja, todo o corpo é tomado em sua cinestesia para que possa desempenhar os procedimentos e escansões implicadas em qualquer tipo de escrita (BORGES, 2008, p. 354).

Assim, nos movimentos necessários à ação de escrever, segundo Borges (2011), o gozo do corpo faz retorno, em decorrência de o gozo ser entendido, na formulação psicanalítica lacaniana, como sendo propriedade do corpo em que só é possível corporizá-lo, conforme Borges, de maneira significativa, visto que, “o significante se situa no nível da substância gozante” (LACAN, 1982, p. 36). É por isso que “Lacan propõe a caligrafia como lugar de puro gozo da letra” (BORGES, 2011, p. 79), pois ao ato de riscar se somaria, ainda, o gozo escópico⁴ do traçado e o invocante de sua sonorização. Isso porque, conforme Vasse (1977), basta olharmos-escutando uma criança que desenha para nos convenceremos de que ela não produz qualquer coisa, mas traçados que correspondem aos movimentos mais íntimos do seu corpo, o que faz com que alguma coisa inconsciente se apresente e se oculte na escritura.

Vale lembrar que a noção de gozo foi levada à categoria de conceito não na obra freudiana, mas por Lacan a partir do trabalho de Freud acerca das pulsões.

4 PARA ALÉM DAS LETRAS GRÁFICAS: A ESCRITA COMO DESEJO

Retomando parte de nossa questão no que diz respeito ao que motiva a criança a escrever, trazemos o trabalho de Pommier (2008), *É possível falar de um desejo ‘primitivo’ de escrever?*, no qual o autor, ao discutir a possibilidade de falar de um desejo *primitivo* de escrever, diz que há um impulso na direção da escrita que “[...] responde a uma pressão psíquica interna” (POMMIER, 2008, p. 14), isto é, existe um

⁴ Relativo ao olhar como objeto de pulsão. Importa ressaltar que o olhar e a voz foram os dois objetos pulsionais acrescentados por Lacan à teoria freudiana, que apresentava apenas o objeto oral, o anal e o fálico como objetos ligados ao inconsciente.

desejo de escrever que precede seu objeto e explicita a escrita do próprio inconsciente, uma vez que o sujeito deseja antes de saber o que deseja.

Ao mencionar que o desejo de escrever procede da própria escrita inconsciente, na forma de um retorno do recalcado, o autor justifica que

o desejo de escrever responde a uma compulsão: a compulsão à repetição, *Wiederholungszwang*, que obriga o sujeito a transpor diferentes graus, se ele pretende existir face ao desejo do Outro. De saída, ele experimenta uma compulsão a falar; depois, uma compulsão a desenhar, a representar, e, enfim, em função dessa relação à representação gráfica, uma compulsão a escrever (POMMIER, 2008, p. 16).

Nessa perspectiva, o gozo é o que faz com que o sujeito se movimente em busca de algo que possa suprir a falta do objeto perdido – causa do desejo, que, por sua vez, pode tomar forma por meio de objetos concretos, embora esses objetos sempre assinalem uma falta. Diante disso, a escrita se apresenta para o sujeito como “[...] um meio propício e adequado para expurgar sua dor, elaborar suas perdas, conservar suas alegrias” (MANSO; CALDAS, 2013, p. 113), ou seja, a escrita se apresenta como o que pode suprir a falta do objeto, visto que, por meio dela, o sujeito poderá exprimir suas perdas ou alegrias. Nesse sentido, o gozo é sempre positivo e obedece, conforme Manso e Caldas (2013, p. 119), “a uma escrita que modaliza, de forma singular, como um falasser pode vivê-lo”.

Dessa maneira, suportada pela materialidade do traçado, é possível, consoante Borges (2008), pensar nas letras como corpo da escrita e o gozo da escrita como advindo, primordialmente, do seu estatuto de jogo com as letras, em que, como no jogo do *Fort-da*⁵, o movimento de presença e de ausência de certas representações pertencentes ao sistema inconsciente e seu aparecimento como letras equivaleria ao retorno do recalcado, fazendo da escrita um “[...] lugar de retorno do gozo da Coisa recalcada” (BORGES, 2008, p. 345).

Dito isso, é importante esclarecer que nos referimos, na escrita infantil, ao gozo do significante, quer dizer, ao gozo fálico que acontece fora do corpo e que se

⁵ Termo usado por Freud na obra “Além do Princípio do Prazer” (1998), em que o autor reflete sobre o jogo que uma criança costumava fazer com seus brinquedos. Ela arremessava um carretel de madeira, fazendo-o desaparecer e proferia um expressivo “o-o-o-ó”. Depois, puxava o carretel por meio do cordão e saudava-o com um alegre “da”. Para Freud (1998), a brincadeira consistia no desaparecimento e retorno, em que o prazer maior se ligava ao segundo ato, o reaparecimento.

apresenta, conforme Jerusalinsky (2009, p. 143), “como um significante que vem se inscrever sobre o corpo”. Nesse sentido, o gozo fálico é próprio do sujeito enquanto falante e sua implicação consiste na “transposição do sujeito de significante em significante na tentativa de elidir o sacrifício do corpo” (JERUSALINSKY, 2009, p. 143).

Desse modo, é por meio do gozo fálico que a linguagem, de acordo com Jerusalinsky (2009, p. 143), “[...] produz uma interposição entre o sujeito e o corpo, constituindo ao mesmo tempo um acesso ao corpo enquanto simbólico e uma barreira ao corpo enquanto real”. Sendo assim, a linguagem é o que vai permitir que o sujeito goze, pois diante da ausência do objeto que lhe completa e lhe dá onipotência é a impossibilidade de tê-lo que faz com que o sujeito goze pela linguagem.

Nesse sentido, na medida em que não se tem o objeto, entendemos que, de alguma maneira, os movimentos que demandam a ação de escrever e, principalmente, o resultado dessa ação – desenhos ou traços de letras – indicam a satisfação da criança diante da escrita. Assim, pensamos a escrita como o que vem a suprir, momentaneamente, para a criança, a falta do objeto, que, por ser sempre faltoso, mobiliza o sujeito a buscá-lo. Em vista desse entendimento, acreditamos que a criança, ao ver seu desenho/escrita no papel e ao ter sua produção reconhecida e elogiada pelo outro, expressa certa satisfação. É relevante pontuar que, para Pommier,

a escrita não reproduz, de forma alguma, a fala. Com efeito, a fala recalca o gozo das representações de coisas, enquanto a escrita, ao contrário, busca recuperar esse gozo perdido de que o sujeito está exilado: é isso que motiva o desejo de escrever. Mas isso não é tudo, porque a escrita busca recuperar por um meio visual o que terá sido perdido pelo viés da pulsão vocal (POMMIER, 2008, p. 19).

Com fundamento em Pommier (2008), acreditamos que o que é recuperado do recalque pela escrita é novamente recalcado quando a criança lê, quer dizer, quando a criança sonoriza aquilo que aparece como retorno do recalcado em sua escrita, o conteúdo recalcado torna-se outra vez recalcado.

Esse é um ponto relevante de nossa reflexão, quando focamos a noção de recalque como possibilidade teórica, pois se a fala, conforme Pommier (2008), recalca o gozo da representação das coisas e a escrita, por sua vez, busca recuperar esse

gozo recalcado, entendemos, então, que a criança escreve motivada pela possibilidade de resgatar o gozo perdido. Diante disso, a escrita propriamente dita “pode ter um efeito de liberação” (POMMIER, 2008, p. 16), pois a tensão do sujeito rumo à reconciliação com ele mesmo resume o desejo de escrever.

Em vista disso e com apoio na afirmação feita por Pommier (1993), de que escrever e ler implica uma operação de recalque do que se vê e do que se ouve, acreditamos que é a busca pelo gozo das representações visuais que suscita na criança o desejo de escrever.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém lembrar que estamos tratando da passagem do desenho à letra na escrita inicial infantil como efeito de recalque. Nesse sentido, voltamos à citação de Pommier (2008, p. 19) para recortar que a “escrita é formada a partir de representações visuais das quais ela recalca o caráter pictural”.

Destacamos que na travessia da criança pela aquisição da linguagem escrita há algo que diz respeito ao desejo de escrever motivado pela busca da recuperação do gozo perdido. Assim, é possível dizer, seguindo a perspectiva adotada, que a escrita inicial infantil vai além de estágios de desenvolvimento, ela tem relação com o recalque do gozo das representações. Lembremos também que, na aquisição da linguagem escrita, é preciso considerar que as crianças, conforme Pommier (1993), não inventam a chave da escrita sozinha, isto é, para que a criança escreva, ela precisa ser introduzida na ordem das representações sociais e culturais e cabe ao outro (adulto) ajudá-la na inserção dessa ordem.

Para finalizar, voltando ao nosso questionamento, com relação ao que a criança escreve no início de sua travessia pela aquisição da linguagem escrita, poderíamos dizer, neste caso, que a criança começa com traçados, que aos poucos vão ganhando forma, depois, a criança desenha e conta histórias sobre esses desenhos e somente quando o valor icônico é recalcado e quando a letra, propriamente dita, começa a significar é que as primeiras letras do nome aparecem nas produções escritas da criança.

No que diz respeito à segunda parte de nossa questão, quanto ao que motiva a criança a escrever, seguindo o pensamento de Pommier, nossa compreensão é a de que a criança é motivada a escrever pela possibilidade de resgatar o gozo perdido. Seria nessa perspectiva de recuperação do gozo perdido, ao nos tornarmos falantes, que a criança, uma vez inserida na ordem das representações sociais e culturais, vê os textos escritos do outro (adulto) como uma espécie de espelho, que ela toma como modelo para suas produções.

Comprendemos, portanto, que na travessia da criança pela aquisição da linguagem escrita, quando o desenho é recalcado e em seu lugar surge a letra, podemos observar a mudança de posição da criança de não-escrevente para escrevente.

MAGDA WACEMBERG PEREIRA LIMA CARVALHO

Doutora e Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Graduada em Letras, pela Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada (FAFOPST). Professora da rede pública de ensino de Pernambuco.

REFERÊNCIAS

BORGES, S. X. A. A aquisição da escrita como processo linguístico. *In: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (org.). Aquisição, patologias e clínica da linguagem.* São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006, p. 149-159.

BORGES, S. X. A. Letra a letra, o gozo da escrita. *Revista Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 40.2, p. 339-357, 2008.

BORGES, S. X. A. Escrita e letra na psicanálise: algumas considerações. *In: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (org.). Faces da escrita: linguagem, clínica, escola.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 75-82.

BOSCO, Z. R. *A criança na linguagem: a fala, o desenho e a escrita.* São Paulo: Cefiel/IEL/UNICAMP, 2005, p. 64.

BOSCO, Z. R. *A errância da letra: o nome próprio na escrita da criança.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2009, p. 284.

DOLTO, F. [1984] *A imagem inconsciente do corpo.* São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 150.

FREUD, S. [1920-1922] Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*: edição standard brasileira. vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-18-1920-1922.pdf> Acesso em: 04/04/2019.

FREUD, S. [1907] Escritores Criativos e Devaneios. In: FREUD, S. *Edição Standard Brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. v. IX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969, p. 149-158.

JERUSALINSKY, J. *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo*. 2009. 272f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

LACAN, J. [1972-1973] *O Seminário*, livro 20. *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 202.

LACAN, J. [1975-1976] *O Seminário*, livro 23. *O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 256.

LACAN, J. [1964] *O Seminário*, livro 11. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 279.

LE GAUFEY, G. *A incompletude do simbólico: de René Descartes a Jacques Lacan*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018, p. 312.

LEMOS, M. T. G. *A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2002, p. 216.

MANSO, R.; CALDAS, H. Escrita no corpo: gozo e laço social. *Ágora*. Rio de Janeiro. v. XVI, p. 109-126, abr 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982013000300008&script=sci_arttext Acesso em: 01 mar. 2020.

MOTA, S. B. V. *O quebra-cabeça: a instância da letra na aquisição da escrita*. 1995. 268f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1995.

POMMIER. G. *Naissance et renaissance de l'écriture*. Paris: Press Universitaires de France, 1993.

POMMIER. G. Nacimiento y Renacimiento de la Escritura. *Revista Literal*, n. 5, p. 11-30, Jan./jun. 2002.

POMMIER. G. É possível falar de um desejo “primitivo” de escrever?. *Estilos da Clínica*, 2008, vol. XIII, n. 24, p. 14-23. Disponível em:



http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-71282008000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 mar. 2020.

POMMIER, G. A história da escrita e a aprendizagem de cada criança. *In*: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (org.). *Faces da escrita: linguagem, clínica, escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 17-31.

POMMIER, G. Problemas clínicos da escrita. *In*: LIER-DE VITTO, M. F.; ARANTES, L. (org.). *Faces da escrita: linguagem, clínica, escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011, p. 53-74.

VASSE, D. *O umbigo e a voz: psicanálise de duas crianças*. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

Recebido em: 17/06/2020.

Aprovado em: 01/02/2021.